

O diário de Florbela Espanca: uma leitura no limite entre a confissão e a ficcionalização de si

Mestrando Jonas Jefferson de Souza Leite (UEPB)
Prof. Dr. Diógenes André Vieira Maciel (UEPB)

Resumo:

No ano de 1930, Florbela registrara seus últimos meses em um diário, levado ao público no ano de 1981 sob o título de *Diário do Último Ano*, em referência explícita ao derradeiro ano de vida da escritora, no qual a artista desnuda sua alma, sempre acrescida de fantasia, restando, pois, um texto limítrofe entre o confessional e o fantasioso. Partindo desse pressuposto, apresentamos este trabalho no afã de compreender, dentro do panorama do que se convencionou chamar de “Escrita de Si”, o engendramento do Diário de Florbela, equilibrando nossa leitura entre dois tênues meandros: o confessar e o ficcionalizar, sob a luz de duas possíveis motivações: o registro da história e/ou a criação de uma nova história para si, desembocando em uma “reconstrução ficcional da realidade” (Alves, 1997). Para tanto, como arcabouço teórico da escrita de si, destacamos como preponderantes os estudos de Junqueira (2003), Duque-Estrada (2009) e Klinger (2012), bem como, a necessidade de compreensão de uma maneira de Literatura nascida por volta do século XVIII (Gay, 1998), mas que só agora tem ganhado, por parte da Crítica Literária, notoriedade e motivo de pesquisa.

Palavras-chave: Escrita de Si; Diário; Florbela Espanca

1 Introdução

Florbela transitou, enquanto artista, pela poesia e pela prosa. É certo que aquela se avulta como maior expressão no conjunto de sua obra, principalmente sob a forma do soneto. A produção em prosa não alcançou o mesmo destaque, com exceção do conto “O Aviador”, que se avulta como um de seus melhores escritos, com flagrante inspiração autobiográfica.

Paralelo a isso, Florbela escreveu, em 1930, um Diário Íntimo, só levado ao público em 1981, intitulado de *Diário do Último Ano*, em referência direta ao derradeiro ano de sua vida, no qual a artista desnuda sua alma, sempre acrescida de fantasia, restando, pois, um texto limítrofe entre o confessional e o fantasioso.

Partindo desse pressuposto, apresentamos este trabalho no afã de compreender, dentro do panorama do que se convencionou chamar de “Escrita de Si”, o engendramento do Diário de Florbela, equilibrando nossa leitura entre dois tênues meandros: o confessar e o ficcionalizar, sob a luz de duas possíveis motivações: o registro da história e/ou a criação de uma nova história para si, desembocando em uma “reconstrução ficcional da realidade” (Alves, 1997).

Assim, é pertinente destacar o caráter híbrido do *Diário do Último Ano*: embora seja um texto de confissão, próprio da escrita diarista, em que o autor desnuda sua vida a um referente imaginário, de acordo com a tese de Junqueira (2003, p. 114), esse aspecto é transmutado pela criação artística a qual Florbela submete a sua vida, inscrevendo um lugar da narrativa pautado no artifício, no sonho, na fantasia. A artista, nessa acepção, se transforma em personagem, fruto de sua própria imaginação.

Em decorrência disso, e, de acordo com o a constatação de De Man (*apud* Klinger, 2012, p.34) ao estabelecer que os gêneros da chamada “constelação autobiográfica” não são totalmente “puros”, pois indica que “todos os textos são autobiográficos, devemos dizer que nenhum deles o é ou pode ser”, tencionamos nosso estudo na articulação entre confissão e ficção, dentro daquilo que se espera de um diário íntimo e do que foi “modificado” por Florbela ao escrever sua história, não só como foi, mas como ela queria que fosse.

As narrativas de si mantêm relação estrita com os fatos históricos (não na acepção de eventos relevantes à História, enquanto área do conhecimento) do seu produtor, materializando-se em produção escrita, na busca de uma reconstituição do passado. O texto resultante desse processo é calcado na realidade, mas é estritamente permeado por sutilezas, pois, tendo o escrito a capacidade de revisitar os acontecimentos que lhes foram marcantes, também tem a capacidade de revisitá-los ao seu gosto, intensificando-os ou amenizando-os, mesclando-os de subjetividades que os aproximam de uma ficcionalidade própria da literatura. Acerca dessas implicações, ressalta Alves (1997, p. 46):

O auto/biógrafo é um escritor-relator, aparentemente autônomo, já que pretende modular sua própria identidade. O romancista recupera percepções pessoais e sociais, dando passos mais largos em direção à ficção. Toda história – pública ou privada, individual ou coletiva – pressupõe um narrador (não necessariamente o autor) que, a partir de si mesmo, define ou redefine, infere ou inventa uma realidade social, inserida, com ele, em um contexto mais abrangente. Desta forma, o historiador produz a história ao mesmo tempo em que pertence a ela.

Em relação ao personagem que se cria nesses escritos, há uma projeção do eu-objeto da narrativa que se ancora no eu-escritor, num processo de transmutação de realidades, cujo resultado aponta para uma “reconstrução ficcional da realidade” como evidencia Alves (1997, p. 46). Nesse processo, o escritor de si tem a capacidade de modular a própria identidade e as percepções que julgar importantes para a composição de sua história.

2 O Diário de Florbela: registro, confissão ou ficcionalização?

A Escrita de Si não é um produto exclusivo do nosso tempo, embora com o advento dos suportes eletrônicos, estejamos vivendo um “boom” de textos auto-referenciais, em uma velocidade quase que instantânea, facilitada pelas ferramentas da internet, numa espécie de “postar” para “existir”.

Para além dessas questões, a Escrita de Si se situa como uma das tradições mais antigas do Ocidente em que, conforme Klinger (2012, p.23) está “profundamente enraizada quando Agostinho começa a escrever as suas *Confissões*, que geralmente são citadas como o primeiro referente de uma escrita autobiográfica”.

No que diz respeito aos gêneros mais inclinados à confissão, como as cartas e os diários, o ponto essencial para a consolidação desses gêneros foi, segundo Peter Gay (1998) a passagem de um “ser coletivo” para um “ser individual”, desembocando na chamada “vida privada” e, ainda, estabelecendo uma noção de “intimidade”, ditando modos novos para a escrita de caráter confessional, pois:

“como a idéia de privacidade era até fisicamente impensável em famílias cujos membros eram obrigados dormir juntos no mesmo quarto, algo comum no século XVIII. (...) Foram meros detalhes como quartos privados ou escrivatinhas com chaves, mas, no geral, serviram para que a classe média respondesse à nova intimidade com confissões, viciando-se em tudo que a remetesse à busca do “eu” no cotidiano e nas artes”. (GAY, 1998, p. 23-24).

Desta forma, pensando o diário como gênero propício ao registro e à confissão, é determinante a idéia do surgimento da privacidade, para atender aos anseios de uma subjetividade agora calcada no “eu”, funcionando assim como um meio de satisfazer anseios interiores, pois, conforme Foucault (*apud* Klinger, 2012, p. 23) a “escrita de si contribui especificamente para a formação de si”, ao mesmo tempo em que, a medida que se escreve um diário, necessariamente acontece o registro da história, sobretudo por trazer em sua estrutura as datas dos escritos, indiciando uma conexão retrospectiva com a história descrita, no entanto, por não se tratar de um simples relato da vida, os fatos mencionados são, muitas vezes, inteligíveis apenas ao autor do texto, inseridos em uma zona de códigos e pistas compreendidas apenas por ele, já que estamos tratando de um suporte da intimidade, do segredo.

Portanto, chega-se a um primeiro ponto de questionamento: será que o Diário de Florbela foi escrito no afã de dar vazão a uma demanda puramente secreta e íntima, ou, malgrado a tradição diarística, a artista o escreveu com intenção de se desnudar aos outros?

De fato, de um ponto de vista estrutural, o diário atende “aos protocolos tradicionais da escrita diarística (...) desde a inscrição de um programa no fragmento de abertura, passando pela problematização dos objectivos da escrita, até o lugar central do eu no desenrolar do texto (Mourão, 1997, *apud* Junqueira, 2003, p. 110), além das inserções das datas e de fatos cifrados, como já aventamos, impossíveis de serem apreendidos em suas motivações, como, por exemplo, a passagem do dia 15 de novembro, em que Florbela se limita a escrever apenas “Não, não e não”.

Mas, de outra banda, é bastante clara a intenção da escritura do Diário, aberto no dia 11 de janeiro. Vejamos:

Para mim? Para ti? Para ninguém. Quero atirar para aqui, negligentemente, sem pretensões de estilo, sem análises filosóficas, o que os ouvidos dos outros não recolhem: reflexões, impressões, idéias, maneira de ver, de sentir – todo meu espírito paradoxal, talvez frívolo, talvez profundo. (...) Não tenho nenhum intuito especial ao escrever estas linhas, não visio nenhum objectivo, não tenho em vista nenhum fim. Quando morrer, é possível que alguém, ao ler estes descosidos monólogos, leia o que sente sem o saber dizer, que essa coisa tão rara neste mundo – uma alma – se debruce com um pouco de piedade, um pouco de compreensão, em silêncio, sobre o que eu fui ou que julguei ser. E realize o que eu não pude: *conhecer-me*. (ESPANCA, 1987 [1930], p. 129).

Com efeito, é falaciosa a propositura de que o Diário é “para ninguém” e é “sem pretensões de estilo”, como se fosse, portanto, um texto menor, sem a devida preocupação em que a autora depositava em seus textos da fatura “estritamente” literária. Percebe-se que há uma clara intenção em que o texto seja conhecido, seja dado ao público, até como instrumento de explicação de alguém que tinha a consciência dos reverses que norteavam a sua reputação e, claro está, a nítida articulação que impulsiona este estudo, plasmada no fragmento “o que eu fui ou o que julguei ser”, determinando, assim, um lugar limítrofe

entre a realidade e a autoficção, “construindo assim a figura de um sujeito autoral que é regido pelo paradoxo e que deseja – principalmente – ainda que a princípio o negue – mostrar-se aos outros, aos que o podem ler” (Junqueira, 2003, p. 110).

Florbela vai construindo um perfil narcísico em que se rareiam fatos da esfera da realidade, pontualmente a referência a idade de seu pai (22 de janeiro) e a referência ao seu estado físico e de espírito (28 de março e 28 de abril, respectivamente) e a evocação dos amigos da Faculdade de Direito (15 de janeiro). Até a passagem de 13 de março que é dirigida a um “Luís”, não corresponde a um referente calcado na realidade, pois nada mais é que mais um personagem criado ou evocado, como Napoleão, Aladim, Nero, para adensar seu espírito orgulhoso e narcisista, num jogo contínuo de se revelar e de se esconder.

Trata-se novamente de outra falácia: a construção do diário não cumpre aquilo que foi prometido na abertura do texto. É deveras impossível compreendê-la somente à luz do Diário, pois o retrato construído não nos permite fixar uma personalidade, mas múltiplas faces de “um ser misterioso, intangível, secreto”, conforme mesmo disse de si. Um ser rodeado de fantasia, de reinos encantados e com pretensões de grandeza ou ensimesmado porque já se é bastante grande.

Portanto, o diário atende menos a expectativa de registro de um tempo (o último ano) para cumprir basicamente um papel de criação de uma identidade ficcional de si, pois extrapola os limites da mera confissão, inserindo a autora num lugar fora do mundo, distante da concretude do real, transformando a artista numa personagem de sua própria criação, dentro de um universo em que ao mesmo tempo em que refuta os “truques” e os “prestidigitadores” os utiliza para construir um imaginário de paradoxos que só nos permitem constatar o processo de autoficção inserido no diário. Vejamos a passagem do dia 12 de janeiro.

Lembra-te que detestas os truques e os prestidigitadores. Não há em tua vida um só acto covarde, pois não? Então que mais queres, num mundo que toda gente o é... mais ou menos? Honesta sem preconceitos, amorosa sem luxúria, casta sem formalidades, recta sem princípios e sempre viva, exaltantemente viva, miraculosamente viva, a palpitar de seiva quente como as flores selvagens da tua bárbara charneca! (ESPANCA, 1987 [1930], p. 125).

Assim, sobre este aspecto, comenta Junqueira:

(...)se em toda a sua obra Florbela sempre fez o elogio do artifício, privilegiando a mentira, o sonho, a fantasia no seu confronto com a dura realidade da vida, não parece diferente o procedimento adotado para a composição do diário, que afina propõe, tacitamente, a inserção da autora num lugar fora do mundo, onde a concretude do real não a alcance (...) assim, não pense o leitor que o Diário do Último Ano lhe permitirá, enfim, fixar o autêntico retrato de Florbela Espanca. Como um camaleão, ela é capaz de mudar de cor instantaneamente para impedir que a retenham. (2003, p.114-115)

Nesse diapasão, o Diário do Último Ano se insere, dentro de limites tênues, mais no campo de uma autoficção, do que propriamente na tradição confessional dos diários, em que se ressaltam a realidade significada pelo diarista. Seria, portanto, aquilo que Lejeune (2008) estabeleceu ao afirmar que a “uma autobiografia não é quando alguém diz a

verdade de sua vida, mas quando diz que a diz”.

Logo, a escrita de si nesse caso em específico, funda um lugar bastante peculiar, próximo da criação ficcional e aliada às experiências vivenciadas, num construto em que o autor e o personagem são os mesmos, do ponto de vista referencial, mas diferentes nas singularidades, porque se separam pela possibilidade da recriação, permitidas através da escrita.

Assim, ao narrar a própria experiência, o texto resultado é ditado ao sabor de desvios, de intencionalidades e de uma “sinceridade” contestável, pois o eu que se revela o faz de maneira a demonstrar não o que foi, mas o que queria que tivesse sido.

Conclusão

“E por não haver nem gestos, nem palavras novas”. Assim, Florbela encerra, em 2 de novembro de 1930, o seu diário íntimo. Dias depois, em 8 de dezembro, data de seu aniversário de 36 anos, de forma ritualística, retira a sua própria vida ingerindo uma dose excessiva de Veronal, encerrando, definitivamente, uma existência macerada pela dor, resistência, altivez e desejos, um bocado deles abafados pela sua partida prematura.

Partido desse lugar específico, ponto que sinaliza o final da trajetória da vida de Florbela, começamos a perceber a aproximação entre vida e fazer poético, resultando em textos auto-referenciares. Sendo assim, o *leitmotive* em Florbela Espanca é calcado na sua intimidade, reforçada por uma existência complexa.

No entanto, como restou evidenciado, no que se refere propriamente ao *Diário do Último Ano*, o uso do artifício, da retórica e do falseamento, transformou o texto não em um documento de confissão, mas em uma espécie de tributo à autofantasia, uma verdadeira **ficcionalização de si**.

Assim, toda autobiografia, transforma o sujeito numa personagem que, embora tenha existido na realidade (e de forma datada), num ser ficcional, que teve sua história contada em diversos suportes e em múltiplas possibilidades de contar.

Referências Bibliográficas

ALVES, Júnia de Castro Magalhães. Ficção e auto/biografia: implicações teóricas. **Revista Em Tese**. Vol. 1, p.43-50, Dez. 1997.

DUQUE-ESTRADA, Elizabeth Muylaert. **Devires autobiográficos**: a atualidade da escrita de si. Rio de Janeiro: Editora PUC Rio, 2009.

ESPANCA, Florbela. **Afinado desconcerto**: contos, cartas, diário. Estudo introdutório, apresentações, organizações e notas de Maria Lúcia Dal Farra. São Paulo: Iuminuras, 2002.

_____. **Contos e diário**. Vol. IV. Lisboa : Publicações Dom Quixote, 1987.

GAY, P. **O coração desvelado**. São Paulo: Companhia das Letras, 1998

JUNQUEIRA, Renata Soares. **Florbela Espanca**: Uma estética da teatralidade. São Paulo: Editora Unesp, 2003.

KLINGER, Diana. **Escritas de si, escritas do outro:** o retorno do autor e a virada etnográfica. Rio de Janeiro: 7 Letras, 2012.

LEJEUNE, Philippe. **O pacto autobiográfico:** de Rousseau à internet. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.